

UM BREVE RELATO SOBRE O FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO NO MUNDO MODERNO

João Victor do Rêgo Barros Borba¹

Abner Apolinário da Silva²

Jonailza Alves de Oliveira³

Ronnei Prado Lima⁴

Maria Segunda Gomes de Lima⁵

Flávia Leite do Rêgo Barros⁶

RESUMO: Este trabalho analisa o fenômeno do fundamentalismo religioso no mundo moderno, a partir do impacto dos atentados de 11 de setembro de 2001, da Revolução Iraniana e da ascensão do neopentecostalismo no Brasil. A investigação parte da crítica à tese da secularização, que previa o declínio da religião frente à modernidade. Com base em autores como Huntington, Fox e Armstrong, demonstra-se que a religião, longe de desaparecer, ressurge como força política e identitária, especialmente em contextos de crise social, econômica e existencial. O texto destaca o uso da religião como elemento legitimador de discursos e práticas políticas, com ênfase na política externa do governo Bolsonaro e sua relação com Israel. Discute-se também a presença midiática e a expansão evangélica no Brasil, bem como os efeitos disso sobre a democracia, a pluralidade e os direitos humanos. O fundamentalismo é compreendido não apenas como fenômeno violento, mas como reação à modernidade e expressão de disputas por hegemonia cultural e religiosa.

3150

Palavras-chave: Fundamentalismo religioso. Secularização. Política externa. Neopentecostalismo. Democracia.

¹ Analista de Políticas do Governo do Canadá. Mestrado em Ciência Política e bacharelado em Relações Internacionais. Expertise inclui comércio internacional, assuntos intergovernamentais e econômicos. Sua pesquisa se concentra em assuntos internacionais e como a fé se cruza com a política.

² Juiz de Direito, Titular do Quarto Tribunal do Júri da Capital do Egrégio Tribunal de Justiça do Estado de Pernambuco. Bacharel em Direito e Especialista em Direito Penal e Processual Penal.

³ Especialista no Direito da Criança e do Adolescente e no Tribunal do Júri, Bacharela em Direito, atualmente Assessora de Magistrado do Quarto Tribunal do Júri da Capital do Egrégio Tribunal de Justiça do Estado de Pernambuco.

⁴ Professor I da prefeitura municipal do Ipojuca e de Camaragibe. Especialista em História da África FUNESO. Mestre em História pela UFPE, núcleo de pesquisa do mundo Atlântico. Membro do NEAB/ UFPE, Pesquisador CEA/UFPE. Membro do grupo de estudos África 70 e do ABE África. Atualmente é Coordenador de EJA da Prefeitura do Ipojuca.

⁵ Juíza de Direito da Segunda Vara de Acidentes do Tribunal de Justiça de Pernambuco, Bacharel em Direito e Letras, Especialista em Direito Penal e Processual Penal, Direito da Saúde e Mestranda em Direito na Universidade Católica de Pernambuco.

⁶ Professora I da Prefeitura da Cidade do Recife - Especialização em História do Brasil e Gestão Escolar, Coordenadora Pedagógica e Mestranda em Direitos Humanos na Universidade Federal de Pernambuco. Atualmente em Função Técnica Pedagógica, Bacharel em Direito com ênfase em Direito Penal e Processual Penal.

ABSTRACT: This paper analyzes the phenomenon of religious fundamentalism in the modern world, focusing on the impact of the September 11, 2001 attacks, the Iranian Revolution, and the rise of neo-Pentecostalism in Brazil. The study critiques the secularization thesis, which predicted religion's decline in modern societies. Based on theorists such as Huntington, Fox, and Armstrong, the paper shows that religion has re-emerged as a political and identity force, particularly in times of social, economic, and existential crisis. Religion is seen as a legitimizing element in political discourse and action, with special emphasis on Bolsonaro's foreign policy and Brazil-Israel relations. The paper also explores the evangelical presence in the media and its implications for democracy, pluralism, and human rights. Fundamentalism is understood not only as a violent phenomenon, but as a reaction to modernity and a dispute for religious and cultural hegemony.

Keywords: Religious fundamentalism. Secularization. Foreign policy. Neo-Pentecostalism. Democracy.

RESUMEN: Este trabajo analiza el fenómeno del fundamentalismo religioso en el mundo moderno, a partir del impacto de los atentados del 11 de septiembre de 2001, la Revolución Islámica de Irán y el crecimiento del neopentecostalismo en Brasil. Cuestiona la tesis de la secularización, que preveía el declive de la religión en la modernidad. Apoyándose en autores como Huntington, Fox y Armstrong, se argumenta que la religión resurge como fuerza política e identitaria en contextos de crisis. Se destaca el papel de la religión como legitimadora del discurso y de las acciones políticas, centrándose especialmente en la política exterior del gobierno Bolsonaro y su relación con Israel. Asimismo, se aborda la expansión de los evangélicos en los medios y su influencia en la democracia, el pluralismo y los derechos humanos. El fundamentalismo se entiende no solo como fenómeno violento, sino como una respuesta a la modernidad y una lucha por la hegemonía religiosa y cultural.

3151

Palabras-clave: Fundamentalismo religioso. Secularización. Política exterior. Neopentecostalismo. Democracia.

INTRODUÇÃO

Em 11 de Setembro de 2001 ocorreu o atentado terrorista que mais repercutiu na modernidade. Dois aviões comerciais foram lançados nos prédios do World Trade Center na cidade de Nova Iorque e outro no Pentágono, na capital americana. Os ataques orquestrados pelo grupo extremista Al Qaeda, liderados por Osama Bin Laden, décimo sétimo filho da extensa prole de uma das mais abastadas famílias da Arábia Saudita. Diante desse ocorrido, até então sem precedentes, entender as relações internacionais omitindo a religiosidade seria insuficiente.

Recuando alguns anos, em *O Choque de Civilizações* (1996), de Samuel Huntington, ao passo que relevante, chama também a atenção da crítica pelo seu caráter controverso. Jonathan Fox, pesquisador de religião e relações internacionais e crítico árduo de Huntington, concentra suas críticas na metodologia usada por ele, a qual contém defeitos e simplificações da realidade. Além disso, Huntington ignora alguns fatores importantes no mundo político, como o poder da modernidade e do secularismo, questões populacionais e ambientais, o poder econômico e militar, entre outros, que fazem sua teoria falhar mais uma vez. (SOARES, 2010).

Nesta obra, denota-se que, no período pós Guerra Fria, os conflitos ao redor do mundo aconteceriam entre "civilizações", maneira com que Huntington identificaria países ou conjuntos de países em seu trabalho, sendo cada uma delas reconhecida pelas suas respectivas culturas e religiões. A partir desse momento, para alguns estudiosos, essa obra passa então a despertar interesse nesse campo de estudo. Em seus escritos, Huntington já previa um risco à segurança ocidental devido à emergência de regimes islâmicos e anti-ocidentais (ou ainda, anti-cristãos) no Afeganistão; e a ordem mundial estaria sendo ameaçada por essa ascensão islâmica.

Como mencionado no primeiro capítulo, teóricos extremamente relevantes do século XIX, como Émile Durkheim, Karl Marx, Auguste Comte e Max Weber, concluíram que a religião era uma força em declínio no mundo, e rapidamente desapareceria (SAHLIYEH, 1990). Não surpreendentemente, durante a Guerra Fria, aspectos religiosos foram omitidos pelos estudiosos das Relações Internacionais, inclusive por aqueles que estudavam conflitos internacionais. Havia uma crença que os sistemas de fé entrariam em colapso em questão de tempo, sendo substituídos por um um moderno sistema secular.

Norris e Inglehart (2004), inclusive, propunham que para esses teóricos, a secularização seria um caminho natural no mundo moderno e iria sobrepor a religião fazendo com que esse aspecto de análise fosse minimizado, uma vez que se enfraqueceria grandemente em face às transformações sociais durante o período de industrialização. Em consonância com eles, a maioria dos cientistas sociais da época, defendem que a modernidade traria consigo um desapego a valores religiosos (SAHLIYEH, 1990), argumentando que a religiosidade passaria a ser irrelevante no mundo moderno.

Ainda, segundo FOX (2001), as ciências sociais falharam ao partirem irrestritamente do pressuposto de que a tradição já perpetuou a explicação racional como fonte exclusiva de resposta aos atos e comportamentos do homem, fazendo com que o estudo da religião fosse um fator sem relevância no mundo moderno até a metade do século XX. Nas décadas de 70 e 80,

entretanto, observa-se a consolidação e a revitalização política de grupos religiosos nos Estados Unidos, América Latina e Oriente Médio, sobretudo (SOARES, 2010).

O crescimento sistêmico de republicanos cristãos e outros grupos religiosos estadunidenses nesse período, colocou em xeque a validade do modelo secular de desenvolvimento político e o lugar da religião na esfera pública⁷. No Oriente Médio, a religião não apenas continuou a ter um espaço privilegiado na esfera pública, mas foi capaz de derrubar um sistema secularista, no caso da Revolução Iraniana em 1979, ao estabelecer um sistema islamista, quando o Aiatolá Ruhollah Musavi Khomeini derrubou o Xá Muhammad Reza Pahlevi, em nome de Alá e Maomé, amparado pelo Alcorão, livro sagrado do islamismo, instaurando um regime político clerical e estabelecendo um regime teocrático e totalitário de Estado e de governo, legitimado pela vontade política da maioria do povo. O movimento conseguiu unir um clero tradicional, os Mujahedin e-Khalq (muçulmanos esquerdistas e outros grupos de extrema esquerda formados por alunos, funcionários e trabalhadores comunistas) e uma minoria liberal (SOARES, 2010).

Segundo Armstrong (2017), nesse período o Irã passava por uma fase turbulenta de miséria e influência ocidental. Inicialmente, Khomeini era professor de matérias secundárias da jurisprudência islâmica e de irrisória popularidade, embora tivesse suas preocupações políticas.

3153

O Aiatolá afirmava que só Deus tinha o poder de legislar e que os Xiitas não deveriam obedecer ao Xá Muhammad Reza Pahlevi, que comprometia a identidade do Islã, por firmar relações calorosas com o ocidente, a tal ponto que o termo “ocidentoxicação” tornou-se recorrente na época para descrever o dilema no qual viviam os iranianos, envenenados e contaminados pelo ocidente. Assim, gradativamente, Khomeini desencadeou um ideal Xiita alternativo à monarquia de Pahlevi:

A revolução Iraniana foi o acontecimento que pela primeira vez atraiu a atenção do mundo para o potencial fundamentalista (...) foi um divisor de águas. Foi uma inspiração para milhares de muçumanos do mundo inteiro que desde muito viam sua religião atacada. A vitória de Khomeini mostrou que o islamismo não estava fadado à destruição, mas podia lutar contra grandes forças secularistas e vencê-las. (...) Para numerosos secularistas Khomeini e o Irã representavam tudo que a religião tinha de errado – e até mesmo de mau – principalmente porque a Revolução revelou o ódio de muitos iranianos pelo Ocidente em geral e pelos Estados Unidos em particular. (ARMSTRONG, 2017, p. 376- 401).

⁷ No Brasil, há um consenso antropológico de que a religião, sobretudo protestante, está correlacionada com um agente de modernização e ascensão socioeconômica.

Ademais, embora Khomeini tenha deliberadamente introduzido uma abrangente islamização das leis, como um código de vestimentas, incluindo a obrigatoriedade da mulher cobrir os cabelos em público, observa-se que há espaço para afirmar que o regime foi mais liberal do que se esperava, ao permitir a liberdade de expressão para sunitas (haja vista que o governo era xiita) e para cristãos em geral (DEMANT, 2008, p.233-234).

Atualmente, vive-se em um mundo cada vez mais globalizado, e ao passo que tem-se uma multilateralidade de culturas, também se questiona o colonialismo ideológico ocidental. Dessa maneira, teóricos secularistas tentaram sobrepor crenças com princípios da ciência e racionalidade:

Os conservadores preocupados... alertavam sobre as graves conseqüências do desaparecimento das crenças religiosas, das instituições religiosas e da orientação moral que a religião dava para o comportamento humano individual e coletivo. O resultado final seria a anarquia, a depravação e o solapamento da vida civilizada. (HUNTINGTON, 2002, p. 116).

Dessa maneira, a modernidade que operava tendo em vista a rejeição da religião ou da extinção de valores religiosos (THOMAS, 2005, p.50), tem que essa foi a causa mais importante de análise nesse processo. Talvez, paradoxalmente, a secularização tenha contribuído diretamente para um reavivamento de fundamentalismos religiosos no mundo. Destaca-se o secularismo sendo minado por uma espécie de revanche por movimentos religiosos que buscam ganhar novamente um espaço que teria sido roubado durante essa modernização, fazendo com que eles voltem às raízes dos seus cânones sagrados com mais afinco, explicando o crescimento exponencial de grupos fundamentalistas religiosos ao redor do mundo. (FOX, 2001, p.56).

3154

A fim de obter uma purificação doutrinária da religião e uma reformulação do ethos de suas militâncias para afirmação de suas identidades e combate à secularização, Ruthven pontua que:

Numa cultura globalizada onde as religiões estão diariamente em contato com seus competidores, a negação do pluralismo é um caminho para o conflito. Porém, a aceitação do pluralismo diz respeito à verdade. Uma vez admitido que haja caminhos diferentes para a verdade, a fidelidade religiosa de uma pessoa torna-se uma questão de escolha e a escolha é inimiga do absolutismo. Fundamentalismo é a resposta para a crise da fé provocada pela consciência das diferenças. (2004, p. 47-48).

O fundamentalismo, então, seria um produto do pluralismo inerente à democracia. Ora, a diversidade religiosa cria uma individualidade na formação de identidades. Nessas linhas, Burity (2001, p.29-36) observa que:

O avanço dos processos de democratização, se levou, por um lado, à disseminação das instituições da democracia liberal, provocou, por outro, a progressiva e conflitiva difusão de uma lógica pluralista, cujo efeito mais importante é abrir espaço para que a construção da diferença se dê através da afirmação de identidades. (...) O efeito mais

importante disso para nossa discussão é a afirmação de identidades religiosas a partir de reações, respostas ou diálogos frente à cultura e a política seculares. Identidades religiosas afirmadas como refúgio contra o abandono, a solidão, a incerteza ou os efeitos das crises e reestruturações econômicas, das mudanças tecnológicas e de globalização.

A tônica do fundamentalismo é o retorno ao gênesis dos princípios basilares de um sistema de fé. Visa-se uma interpretação rígida do cânon e retomar a todo custo o espaço que foi perdido ao longo do tempo na História, de forma violenta ou não, a fim de obter-se a tão almejada purificação religiosa. Entretanto, é importante pontuar que o fundamentalismo religioso não está apenas ligado às manifestações de terror, como no atentado às torres gêmeas, mas também pode estar ligado às transformações sociais, políticas e econômicas.

Semelhantemente, para Armstrong (2001, p.12), o mundo passa por um período transitório, no qual a sociedade presencia um grande desenvolvimento de teor racional e religioso (paradoxalmente, simultaneamente), em vigor das transformações econômicas e políticas da atualidade. Essa transição se deu nos mesmos moldes da Era Axial, período equiparado ao que estamos vivendo, que se estende aproximadamente de 700 a 200 a. C., porque foi crucial para o desenvolvimento espiritual da humanidade. Esse período resultou em uma evolução econômica – e, portanto, social e cultural – de milhares de anos que se iniciou na Suméria, onde hoje é o Iraque, e no antigo Egito.

3155

O cenário de riqueza cultural, intelectual e de espiritualidade foi primordial para o desenvolvimento religioso. Isso porque naquele momento, as religiões se baseavam em velhas tradições para cultivar a espiritualidade de acordo com as aflições de sua época (SOARES, 2010). Assim, Armstrong (2001, p.13) argumenta que é a partir das mudanças contemporâneas que surgem os princípios fundamentalistas:

Acompanharam as mudanças econômicas dos últimos quatrocentos anos imensas revoluções sociais, políticas e intelectuais, com o desenvolvimento de um conceito da natureza da verdade totalmente diverso, científico e racional; e, mais uma vez, uma mudança religiosa radical tornou-se necessária. No mundo inteiro acha-se que as velhas formas de fé já não funcionam nas circunstâncias atuais: não conseguem prover o esclarecimento e o consolo que parecem vitais para a humanidade. Assim, tenta-se encontrar novas maneiras de ser religioso; como os reformadores e os profetas da Era Axial, homens e mulheres procuram usar as percepções do passado para evoluir no mundo novo que construíram. Uma dessas experiências modernas – por mais paradoxal que possa parecer à primeira vista – é o fundamentalismo.

Diante do que foi proposto pelos teóricos até então, temos uma concatenação de ideias de acordo com FOX (2001, p.59):

1. A religião se manifesta nas Relações Internacionais através da influência das crenças religiosas (e/ou opiniões fundamentadas em aspectos religiosos) de representantes estatais (ou não).

2. A religião é uma fonte legitimadora (ou não) de comportamento no âmbito doméstico ou internacional.
3. Fenômenos e questões religiosas, incluindo os conflitos de caráter religioso no mundo, tornam-se questões internacionais. Diante disso, percebe-se que o estudo da religião para as RI é fundamental para entendê-las completamente.

Fundamentalismo Religioso no Brasil

Como visto no primeiro capítulo, o avanço do protestantismo no Brasil está em plena ascensão nas últimas décadas e de acordo com o IBGE, sobrepujará a hegemonia católica no Brasil em 2032. Essa mudança no cenário nacional estabelece um novo paradigma no espaço público brasileiro. O crescimento numérico dos protestantes (das mais diversas ramificações, mas sobretudo os neopentecostais) é um fenômeno amplamente discutido e estudado no Brasil atualmente. Primeiramente, é necessário observar que conversões ao protestantismo jamais devem ser entendidas apenas como passar a frequentar um determinado lugar de culto. A conversão trata-se de uma mudança na forma com que um indivíduo passa a conceber o seu imaginário social como um todo: as relações de poder e submissão às autoridades, a moralidade das decisões, o dinheiro, a concepção da estrutura de família, o uso do tempo, o consumo (ou não) de produtos, marcas, produção cultural etc.

A partir dessa ideia, podemos entender a expansão do pentecostalismo no Brasil sendo expresso, por exemplo, pela produção artística de cantores e compositores de música gospel. Estes já são responsáveis por promover ajuntamentos em shows para o público evangélico de centenas de milhares e até mesmo milhões de pessoas. Uma das bandas mais relevantes no meio evangélico brasileiro, o Diante do Trono, no dia 12 de julho de 2006, reuniu aproximadamente 2 milhões de pessoas no Campo de Marte, na Avenida Santos Dumont, em São Paulo, de acordo com estimativas da polícia militar⁸. O álbum gravado neste dia vendeu cerca de 1 milhão de cópias e 170 mil DVDs.

3156

The Send Brasil

Como resultado do movimento evangélico estadunidense *The Call* (O chamado) que encheu estádios nos Estados Unidos com uma mensagem incentivando jovens à prática do jejum e oração, o *The Send* (O envio) surgiu como uma plataforma para catalisar jovens para um projeto de evangelização mundial⁹. A primeira edição aconteceu em 2019 em Orlando, nos Estados Unidos e reuniu 60 mil jovens. A segunda edição aconteceu no Brasil em três estádios

⁸ Disponível em: <https://diantedotrono.com/timeline/2003/>, acesso em: 03/11/21

⁹ Disponível em: <https://thesend.org.br>

diferentes. Morumbi e Allianz Park, no estado de São Paulo, e Mané Garrinha, em Brasília. A princípio, o evento iria acontecer somente no estádio do Morumbi, mas todos os ingressos esgotaram em apenas cinco horas após o início das vendas, batendo o recorde de tempo das bandas U2 e Coldplay em suas apresentações no Brasil. Com a grande adesão de evangélicos no evento, este divulgado somente pelas mídias sociais, logo foi anunciado um novo estádio para comportar as pessoas que não conseguiram obter ingressos na primeira oportunidade. Semelhantemente ao primeiro, os ingressos logo se esgotaram e um terceiro estádio foi aberto para acomodar a demanda. No total, 190 mil ingressos foram vendidos e o evento aconteceu de maneira simultânea no dia 8 de fevereiro de 2020. Pastores e artistas do mundo gospel nacional e internacional fizeram parte do evento organizado pelo Movimento Dunamis¹⁰, que durou doze horas e cujos objetivos visavam também distribuir uma Bíblia Sagrada física ou digital em todos os lares do planeta e mobilizar famílias cristãs a adotarem órfãos.

O presidente Jair Bolsonaro fez uma aparição no estádio em Brasília e recebeu oração de diversos líderes evangélicos¹¹. Um deles, o pastor e missionário junto à JOCUM (Jovens Com Uma Missão) Marcos Borges Coty, que na ocasião disse: *“O Espírito Santo colocou uma palavra em meu coração: Deus não vê como o homem vê. O homem vê a aparência, mas Deus vê o coração. Deus usa as coisas loucas para confundir as sábias, as coisas fracas para confundir as fortes, as coisas que não são para envergonhar as que são. O poder de Deus se aperfeiçoa na sua fraqueza. O Senhor é contigo”*¹².

3157

O presidente quando recebeu a oportunidade, disse à multidão¹³: *“Estou aqui porque acredito no Brasil e nós estamos aqui porque acreditamos em Deus. O Brasil mudou. Palavras antes proibidas começaram a se tornar comuns: Deus, família e pátria”*. Ao reconhecer o quão fundamental foi o voto evangélico para sua eleição, Bolsonaro continua: *“Vocês decidiram, vocês foram o ponto de inflexão há dois anos, decidindo mudar o destino do Brasil. Devo a Deus a minha vida por uma ocasião das eleições, devo a vocês a missão de dar um norte para o destino do nosso Brasil”* terminando com uma frase bastante repetida por ele: *“O Estado pode ser laico, mas Jair Bolsonaro é cristão”*

No estádio do Morumbi, o evangelista estadunidense Todd White, disse à multidão que recebeu informações de Brasília e que o presidente tinha: *“entregue sua vida a Jesus”*¹⁴. Damares

¹⁰Movimento evangélico brasileiro paraeclesialístico.

¹¹O pastor já tinha expressado seu apoio à candidatura de Bolsonaro em 2018 através de suas redes sociais e segue apoiando o presidente por representar valores cristãos.

¹²**Bolsonaro confessou Jesus Cristo no The Send em Brasília, diz Todd White.** Publicado em 08/02/20, disponível em: <https://www.guiame.com.br/gospel/missoes-acao-social/bolsonaro-confessou-jesus-cristo-no-send-em-brasilia-diz-todd-white.html>

¹³ Pronunciamento completo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=c7gB3FXE4fQ>

¹⁴ Frase que está normalmente caracterizada como conversão ao protestantismo. É necessário acrescentar, todavia, que em outros grandes eventos para o público evangélico, Bolsonaro também afirmou ter “entregue sua vida a Jesus”.

Alves¹⁵ também esteve presente no evento e a ênfase da sua participação foi na a doação de crianças e adolescentes. A ministra exortou à multidão dizendo: “*não adianta sermos uma nação que busca o avivamento, uma igreja que ora pelo avivamento se deixarmos crianças para trás*”, e falou diretamente aos jovens: “*Apostamos na sua geração. Este evento pode ser um marco em que a igreja não deixará crianças para trás. Jovens: vocês são esperança. Quando arranjar um namorado, uma namorada começa a falar sobre adoção com ele, com ela*” Ela incentivou pessoas que estão na fila de adoção, mas que pensaram em desistir ou que tinham vontade de adotar mas ainda não sabiam, e profetizou que a resposta de Deus é: “Adota! Adota! Adota!”¹⁶

O evento também contou com a presença da ativista evangélica australiana Christine Caine, líder do Movimento A21 que visa abolir o tráfico e escravidão de mulheres ao redor do mundo. Ela compartilhou sobre algumas ações da sua instituição e concluiu sua participação orando para que as pessoas se comprometessem a lutar por causas como o fim da pobreza, escravidão e o tráfico internacional de pessoas.¹⁷

Mídia e Expansão Neopentecostal no Brasil

A expansão neopentecostal também se notabiliza pela sua presença na mídia. Compra de emissoras de rádio e TV, além de compra de horários em outros veículos de imprensa para veiculação de cultos e programas com teor religioso. Também não pode-se deixar de mencionar o mercado editorial e a construção de mega templos que impactam o cenário urbano (SOUSA, 2019). Como uma consequência natural do espaço que foi ganhado em diferentes esferas sociais, vê-se também uma representatividade política cada vez mais forte desse grupo. Ao ganhar espaço e poder de mobilização, os evangélicos são capazes de se articularem para levantar representantes que se fundamentam em princípios religiosos na legislação e em esforços para mudar a Constituição e propor mudanças em diversos campos sociais.

À medida que a cultura secular ganhou espaço na modernidade e assuntos como o casamento homoafetivo, legalização do aborto ou do uso da maconha, e a ideia da laicidade do Estado é acionada para separar a religião do Estado na tomada de decisão, parlamentares evangélicos (ou simpáticos à causa evangélica devido mobilizações eleitorais), apontam ser acusados e perseguidos pelos demais grupos parlamentares.

¹⁵ Pastora evangélica e Ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos.

¹⁶ Pronunciamento completo da Ministra Damares. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=MM3tucJbHx8

¹⁷ Participação completa da ativista australiana. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=yL9vbzsYxWg

Seguindo essa mesma linha de raciocínio de perseguição, na 75ª Assembleia Geral da ONU, Bolsonaro diz: *"Faço um apelo a toda a comunidade internacional pela liberdade religiosa e pelo combate à cristofobia."* e conclui enfaticamente afirmando: *"O Brasil é um país cristão e conservador e tem na família sua base."*¹⁸

Discute-se, portanto, que devido a uma nova organização social do Brasil influenciada pela mudança da paisagem religiosa nas últimas décadas, a partir da inserção dos evangélicos em espaços de poder de destaque público, vê-se uma ascensão da militância evangélica contra valores e grupos que são relativos aos direitos humanos, sexualidade e questões referentes à vida privada no âmbito das disputas políticas (DUARTE et al, 2009).

Assim, a tônica do fundamentalismo é a beligerância e a dicotomia ao analisar as complexidades do mundo moderno pelas lentes do bem e do mal, de modo que defensores de ideias opostas são automaticamente inimigos a serem aniquilados caso não se conformem à imposição de ideais defendidos. A pluralidade de pensamentos no jogo democrático de sociedades laicas é o oposto do que os fundamentalistas acreditam, e estes usam do espaço que a democracia viabiliza para ferir princípios democráticos.

O Fundamentalismo na Política Externa Bolsonaroista

3159

A política externa corresponde a uma esfera de atuação do Estado que quando formulada, passa a ser uma prática que identifica a inclinação de uma nação (MILANI; PINHEIRO, 2013), e mesmo antes de tomar posse como presidente, na corrida eleitoral, Bolsonaro já comunicava as então futuras primeiras ações do Itamaraty em combate ao que a cúpula governista denomina de "globalismo", "marxismo cultural" e "comunismo". (MARINGONI, ROMANO, BERRINGER, 2021).

Assim, Ernesto Araújo¹⁹ implementou um viés fundamentalista, perpassado por um discurso religioso, para as relações internacionais do Brasil com outros atores internacionais, a exemplo da ONU ou da OMC (CHARLEAUX, 2020). A ideia era deliberadamente propor um novo comportamento no âmbito internacional, marcado pelo viés ideológico da direita cristã, ao alinhar-se com governos que compartilhassem de um discurso também conservador, anti-globalista, anti-marxista e que se propusessem a defender o liberalismo econômico. Não havendo, desde o início do governo Bolsonaro, hesitação em atacar verbalmente ou através de

¹⁸Discurso na íntegra. Disponível em: www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/discursos/2020/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-na-abertura-da-75a-assembleia-geral-da-organizacao-das-nacoes-unidas-onu, acesso em 02/11/21.

¹⁹ Diplomata e escritor brasileiro que exerceu cargo de Ministro das Relações Exteriores entre janeiro de 2019 março de 2021.

redes sociais oficiais, países que são a materialização dos supostos males a serem extintos: Venezuela, China e Cuba, sobretudo; mas também a países que se posicionaram em algum grau de maneira crítica a aspectos da nova gestão, como o caso da França e União Europeia. Observa-se, dessa maneira, uma mudança brusca da política externa brasileira: um discurso ideológico em detrimento da diplomacia. (TEIXEIRA; GONÇALVES, 2020; VIDIGAL; BERNALMEZA, 2020).

No seu discurso de posse²⁰, Ernesto pontua:

O globalismo constitui-se no ódio, através das suas várias ramificações ideológicas e seus instrumentos contrários à nação, contrários à natureza humana, e contrários ao próprio nascimento humano. (BRASIL, MRE, 2019).

As críticas ao globalismo no ideário do então ministro combatem o "marxismo cultural" e Lemos, Morais e Santos (2019) descrevem esse comportamento de repúdio à ordem internacional como um ataque ao multilateralismo e os temas relacionados aos Direitos Humanos tratados nesses ambientes, como a ONU, por exemplo. Mesmo assim, Bolsonaro discursou na abertura²¹ das três últimas assembleias gerais da organização.

Desde março de 2020, o Brasil ainda é afetado pela pandemia do novo coronavírus. O então chanceler Ernesto Araújo escreveu um artigo²² com o título "Chegou o Comunavírus", citando o filósofo Slavoj Žižek ao difundir a ideia conspiratória de que o vírus seria uma estratégia do governo chinês de estabelecer o comunismo e assim, dominar o mundo.

3160

A Relação Fundamentalista da Política Externa Brasileira para Israel no Governo Bolsonaro

Às vésperas do ano novo brasileiro e dias antes da posse de Jair Bolsonaro, o primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu²³, desembarcou em Brasília. Essa foi a primeira vez que um líder de Estado israelense visita o Brasil, sendo também o primeiro líder internacional que se reúne com o então presidente eleito. A comitiva israelense ficou entre os dias 28 de dezembro e 1 de janeiro em terras brasileiras. No mesmo dia da posse presidencial, houve uma conversa reservada e uma condecoração²⁴ a Netanyahu. No dia seguinte à eleição de Jair Bolsonaro, Onyx Lorenzoni²⁵ anuncia uma visita presidencial a Israel em março de 2019, sendo

²⁰Discurso na íntegra. Disponível em: www.funag.gov.br/chdd/index.php/ministros-de-estado-das-relacoes-exteriores?id=317, acesso em: 03/11/21

²¹Desde 1947, o Brasil tradicionalmente tem o privilégio de ser o primeiro a discursar na abertura das assembleias gerais.

²²Disponível em: <http://funag.gov.br/biblioteca/download/politica-externa-soberania-democracia-e-liberdade.pdf> Acesso em: 03/11/2021.

²³Netanyahu, líder do partido da direita conservadora Likud, assumiu em 31 de março de 2009 e conseguiu formar maiorias sob a sua liderança desde então. Sob pressão da justiça por acusações de fraude, corrupção e abuso de poder, convocou, no final de 2018, novas eleições para fortalecer sua posição. Depois de eleições acirradas, o ex-militar ultranacionalista Naftali Bennett assume o posto de primeiro-ministro.

²⁴Essa condecoração foi a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul, a mais alta condecoração brasileira atribuída a cidadãos estrangeiros.

²⁵Ministro da Casa Civil.

esta uma agenda prioritária para o novo governo. A visita ocorreu às vésperas das eleições israelenses de 9 de abril, para as quais Netanyahu se candidatou novamente, em busca de seu quinto mandato. Bolsonaro e sua comitiva chegaram a Israel em 31 de março, permanecendo até 2 de abril. Ao chegar no aeroporto, Bolsonaro foi recebido com cerimônias de honra pelo próprio primeiro-ministro israelense, rito raro entre chefes de Estado. (SCHUTTE, COSTA, POLA, CORRÊA, 2021)

Em seu primeiro discurso²⁶ em Israel, Bolsonaro pontua:

Há dois anos estive em Israel, visitei o Rio Jordão. Por coincidência meu nome também é Messias, senti-me emocionado naquele momento, aceitei o chamamento de um pastor da nossa comitiva e desci as águas do Rio Jordão. Uma emoção, um compromisso, uma fé verdadeira que me acompanhará pelo resto da minha vida. Sempre admirei o povo de Israel, depois dessa passagem, no período de pré-campanha, citava sempre qual ensinamento que eu teria levado de Israel para o Brasil. Eu falava muitas vezes, nós sabemos que Israel não é tão rico quanto o Brasil em recursos naturais, entre outras coisas, então eu dizia olha o que eles não têm e veja o que eles são. Daí eu falava para os meus irmãos brasileiros, olha o que nós temos e veja o que não somos. Como poderíamos ser iguais a eles? Tendo a mesma fé que eles têm. E com esse sentimento e usando também uma passagem bíblica João 8,32 que diz "conhecereis a verdade e a verdade vos libertará" conseguimos vencer desafios no Brasil (..) (BOLSONARO, 2019).

Esta visita celebrou uma aliança fundamentalistamente ideológica, na qual tanto o presidente, como boa parte dos seus aliados de governo, já pregavam na corrida eleitoral: exaltação às forças militares, moralismo de cunho religioso e combate ao globalismo (SILVEIRA, 2021). Além disso, esta viagem foi o cumprimento de uma das promessas de campanha que Bolsonaro fez aos seus eleitores evangélicos, estratégia que o fez angariar apoio de lideranças políticas e religiosas de grande influência no Brasil, uma vez que há um apoio irrestrito a Israel pelos evangélicos por razões religiosas.

Na comitiva, acompanharam o Presidente: o então ministro Ernesto Araújo (Relações Exteriores), Bento Costa Lima (Minas e Energia), Marcos Pontes (Ciência, Tecnologia, Informação e Comunicações), Augusto Heleno (Gabinete de Segurança Institucional), o tenente-brigadeiro do ar Raul Botelho, chefe do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas, e o secretário da Pesca, Jorge Seif. O grupo ainda incluiu os parlamentares Chico Rodrigues (DEM-RR), vice-líder do governo no Senado; Flávio Bolsonaro (PSL-RJ), filho do presidente; e Soraya Thronicke (PSL-MS) e a deputada federal Bia Kicis (PSL-DF). O perfil dos parlamentares é de alinhamento fiel ao ethos bolsonarista (SILVEIRA, 2021).

²⁶Discurso na íntegra. Disponível em: www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/discursos/2019/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-em-israel, acesso em 03/11/21.

Nesta viagem, é perceptível como o Brasil manteve a ideia de alinhamento com essa postura fundamentalista e religiosa, sobretudo quando trata-se da ideia da mudança da embaixada brasileira para a cidade de Jerusalém pelo apoio dos evangélicos²⁷. Em entrevista à rede BBC News²⁸ em abril de 2019, Oliver Stuenkel, analista internacional e professor da Fundação Getúlio Vargas, sugeriu que essa medida não era razoável para as relações internacionais, visto que em suas próprias palavras: *“Bolsonaro poderia ter fortalecido sua relação com Israel sem levantar essa questão da mudança da embaixada. No fim, foi um problema que ele criou para si mesmo”*.

Com isto, estabelece-se um conflito de interesses. De um lado, Tereza Cristina²⁹ pedindo cautela diante dos países da Liga Árabe, uma vez são um dos maiores importadores de proteína animal do mercado nacional brasileiro (e para a garantia do bem estar dessas relações econômicas o comportamento "ativo e altivo" da política externa brasileira para Israel é imprescindível), do outro, políticos e sociedade civil evangélica pedindo pelo reconhecimento de Israel, o que é não agrada os importadores árabes e muçulmanos (SILVEIRA, 2021).

Não conseguindo a mudança da embaixada, o Itamaraty estabeleceu um escritório comercial na cidade de Jerusalém em 2019. Em conversa com o pastor Silas Malafaia, entretanto, o presidente afirmou que a mudança aconteceria até o ano de 2021. Todavia, até a

3162

²⁷ Silveira (2021) também explica que os evangélicos, sobretudo, os neopentecostais e, portanto, a maioria, aderem a uma escola de pensamento cristão chamada *dispensacionalismo pré-milenista*. De acordo com esta linha de interpretação bíblica sobre a história e o fim dos tempos, a segunda vinda de Jesus é um evento inesperado e iminente, que acontecerá em diferentes fases: a tribulação e a grande tribulação. Primeiramente, Cristo aparecerá no céu, mas não virá para a Terra. Ele então encontrará os cristãos verdadeiros no céu, que em um momento chamado de “arrebatamento”, se juntarão a Ele, juntamente com os que estavam mortos, que passarão a ganhar vida no céu junto a Cristo. Tudo isso acontecerá enquanto os não-convertidos e os judeus permanecerão na Terra. Naquele momento, a identidade de uma figura do mal, o Anticristo, será revelada e o Templo de Jerusalém será construído. Após um período de aparente aliança com os judeus, numa segunda fase, não tão pacífica, um período de fome e guerras e de perseguição aos judeus é instaurado, culminando na vitória de Jesus sobre o Anticristo na Batalha do Armagedom. Segundo esta narrativa, durante esses eventos, a maioria dos judeus aceitará Jesus como o Messias. Após essa vitória, Cristo estabelecerá um reino de paz na cidade de Jerusalém por mil anos (o milênio) - quando ocorrerá o Juízo Final. Dessa maneira, para os dispensacionalistas pré-milenistas, portanto, eventos positivos para Israel são indicativos do cumprimento da profecia apocalíptica, necessária para que ocorra a segunda vinda de Cristo (WEBER, 1987).

²⁸ BBC NEWS. **Viagem de Bolsonaro a Israel teve papel simbólico e poucos efeitos práticos, dizem analistas.**

Disponível em: www.bbc.com/portuguese/brasil-47796337, acesso em 12/11/21

²⁹ Ministra da Agricultura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARMSTRONG, K. Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

ARMSTRONG, K. Campos de Sangue: Religião e História da Violência. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BURITY, J. A. Identidade e diferença: a dimensão política das transformações culturais na contemporaneidade. In: _____. (Org.). Cultura e identidade: perspectivas interdisciplinares. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 29-36.

CHARLEAUX, J. P. Ernesto Araújo e a política externa ideológica de Bolsonaro. Nexo Jornal, 2020. Disponível em: [inserir link]. Acesso em: [data].

DEMANT, P. O mundo muçulmano. São Paulo: Contexto, 2008.

DUARTE, L. F. D. et al. Religião e política: uma análise da atuação de parlamentares evangélicos sobre direitos humanos e temas morais. Rio de Janeiro: Instituto de Estudos da Religião, 2009.

FERNANDES, F. A influência evangélica na política externa brasileira para Israel. Revista Brasileira de Política Internacional, v. 63, n. 1, 2020.

FOX, J. Religion as an Overlooked Element of International Relations. International Studies Review, v. 3, n. 3, p. 53-73, 2001.

HUNTINGTON, S. P. O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.

HUNTINGTON, S. P. A terceira onda: democratização no final do século XX. São Paulo: Ática, 2002.

LEMO, M. B.; MORAIS, M. S.; SANTOS, L. G. O discurso antiglobalista de Ernesto Araújo e seus impactos na política externa brasileira. Revista Conjuntura Internacional, v. 16, n. 2, 2019.

MILANI, C. R. S.; PINHEIRO, L. Política externa brasileira: os desafios de sua caracterização como política pública. Contexto Internacional, v. 35, n. 1, p. 11-41, 2013.

NORRIS, P.; INGLEHART, R. Sacred and Secular: Religion and Politics Worldwide. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

RUTHVEN, M. Fundamentalism: The Search for Meaning. Oxford: Oxford University Press, 2004.

SAHLIYEH, E. Religious Resurgence and Political Modernization. In: _____. (Ed.). Religious Resurgence and Politics in the Contemporary World. Albany: SUNY Press, 1990.

SCHUTTE, G.; COSTA, K.; POLA, A.; CORRÊA, L. A política externa de Bolsonaro para Israel: alinhamento ideológico e religioso. *Revista Brasileira de Política Internacional*, v. 64, n. 1, 2021.

SILVEIRA, M. L. O fundamentalismo religioso na política externa brasileira: o caso de Israel. Brasília: FUNAG, 2021.

SOARES, E. *Religião e Relações Internacionais: uma análise pós-secular*. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

SOUSA, R. T. *A expansão neopentecostal no Brasil e sua influência na mídia*. São Paulo: Fonte Editorial, 2019.

TEIXEIRA, C.; GONÇALVES, W. A política externa brasileira no governo Bolsonaro: rupturas e continuidades. *Revista de Sociologia e Política*, v. 28, n. 74, 2020.

THOMAS, S. M. *The Global Resurgence of Religion and the Transformation of International Relations*. New York: Palgrave Macmillan, 2005.

VIDIGAL, R.; BERNAL-MEZA, R. A política externa brasileira no governo Bolsonaro: ideologia, pragmatismo e conflitos. *Meridiano 47*, v. 21, 2020.